

Mesquita queixa-se ao OMR

“Pobreza deve-se aos neocolonialistas que se julgam donos de Moçambique”



Pag. 04

A ordem presidencial
“Não se pode elitizar
a educação”

Pag. 07

Pag. 08

Nélia observa crise no Jornalismo
“Atropelam-se os valores morais,
os princípios éticos e deontológicos”



Deisy define competências
“Combinação de habilidades,
conhecimentos, experiências...”



Créditos de Carbono com Eucaliptos??

Por: Pedro Mesquita

Foi com mágoa que regresssei de Moçambique a 25 de Janeiro de 2022, porque neguei pagar uma multa no departamento de emigração de Nampula de 228 000 meticais, fui deportado vítima de extorsão de dinheiro do Director de Emigração lá de Nampula, ou regressava ou iria para a prisão.

Esse criminoso se chama Alexandre Banze, se Portugal deportar Moçambicanos cai o Carmo e a Trindade, mas todas as semanas são deportados Portugueses ilegalmente de Moçambique e nada acontece a criminosos como esse Alexandre Banze.

Foram 7 anos a trabalhar no norte de Moçambique, trabalhei na Portucel na Zambézia e na Jacarandá, na plantação de Tecas na Namapa, para além de muitas outras actividades.

O problema de Moçambique, da sua pobreza e da falta de desenvolvimento deve-se aos neocolonialistas que estão no Maputo, se julgam donos de Moçambique e logo à nascença matam todo o tipo de projecto ou ideia com as corrupções e com extorsões, os funcionários públicos o mais que lhes acontece é serem transferidos, nada mais, mas têm poderes para colocar as pessoas na prisão, só com o objectivo de extorsão de dinheiro, no meu caso até fui deportado pelo Director de Emigração de Nampula Alexandre Banze, que não tinha poderes para me deportar, mas não paguei os 228 000 meticais que me exigiu de multa.

As soluções para acabar com a fome e a pobreza em moçambique estão bem identificadas foram implementadas nos países à volta de Moçambique, nomeadamente o subsídio ao fertilizante em 30%, que acabou com a fome no Malawi, pessoas responsáveis como o Celso Correia se negam a implementar porque me disse custaria

muito dinheiro, 100 milhões de usd anualmente, mas será que a destruição de ecossistemas com o Slashand-Burn não ficam muito mais caros?? A importação anual de 300 milhões de usd de arroz, não é muito mais caro quando todo esse arroz poderia ser produzido em Moçambique e criava milhares de postos de trabalho. A fome e a pobreza de uma geração de milhões de Moçambicanos não é muito mais caro??

Se o CC chegar a Presidente e estiver interessado em acabar com a fome em Moçambique com o subsídio ao fertilizante poderei estar interessado em regressar.

Organizações que eu só posso chamar de criminosas como a Justiça Ambiental, marionetas dos Amigos da Terra, neocolonialistas que de modo criminoso conseguiram acabar com as plantações florestais no norte de Moçambique, os Frelimos corruptos pensavam que depois de afastarem os investidores iriam fazer muito dinheiro com a venda da madeira de eucalipto ou pinheiro, afinal ficaram com as plantações na Zambézia e em Nampula e a comunidade deitou fogo e plantou milho e mandioca.

Hoje as Florestas do Niassa foram compradas pela Construa e contraplacados e madeiras de pinheiro vendidos pela Construa já não são importados, mas vai ser muito difícil voltar a convencer alguém a investir nas plantações florestais em moçambique, a Portucel Moçambique está moribunda perderam 80 milhões de usd.

Hoje Moçambique continua a importar postes de electricidade pela EDM da África do Sul porque uns atrasados mentais da JA se opõem à plantação de eucaliptos.

Os esquemas da JA e dos Amigos da Terra têm que ser denunciados, as acções populares, usam o nome dos pobrezinhos para sacar milhões às grandes empresas como fizeram na Nigéria à Shell, receberam milhões de usd mas esse dinheiro nunca chega aos pobrezinhos.

Agora os Amigos da Terra com a JA estão a tentar montar o esquema e a feira em Palma com a Total, já andam a fazer barulho com MphandaNkuwa, se MphandaNkuwa não for construída qual a alternativa para Moçambique ter uma economia baseada em 100% de energia verde?

Se MN for construída poderá ter zona irrigada que dará trabalho a milhares de Moçambicanos e acaba com a fome, qual a dificuldade de compreender isto?? Até os Quercus compreenderam a construção do Alqueva em Portugal e calaram a boca.

A Rubi Mining pagou 6,7 milhões supostamente a 300 famílias de pobrezinhos em Montepuez, numa acção popular montada num tribunal em Londres, conhece algum desses pobrezinhos que foram usados e algum deles recebeu dinheiro desses 6,7 milhões de usd??

Os estudos estão todos feitos para Moçambique agora quando se começam a implementar?? Quando os neocolonialistas Maputecos da Frelimo permitem tirar o povo da fome e da pobreza??

Ao fim de 48 anos ainda não perceberam que têm que alterar o Rumo??

Já não vão inventar a roda, ela já foi inventada.

A velha Chica sabia mas não dizia, a razão de tanta fome e tanta pobreza Che minino não fala política, não fala política



IGNACIO DE LOYOLA, FUNDADOR DA COMPANHIA DE JESUS

Paco Planelles / Espanha

No dia 31 de julho, a Igreja celebrou a memória litúrgica de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus; e hoje, segunda-feira 31 de julho, abro estas linhas do meu Facebook "pessoal e intransferível" com muita alegria, pois quero contar aos meus queridos amigos leitores, as experiências e o forte impacto causado em minha vida por ter vivido e vivido juntos por um mês de silêncio e meditação nos Exercícios Espirituais de San Ignacio na cidade espanhola de Pedreña (Cantabria); segundo meditações e textos escritos pelo próprio fundador da Companhia de Jesus, o nobre senhor de Guipúzcoa, Iñigo López de Loyola, Mestre em Artes pela Universidade de Paris e irmão jesuíta contemporâneo do meu querido santo navarro, Francisco Javier – Patrono da Missões e evangelizador na Índia, ilhas da Oceania, China e Japão; bem como fundador com Ignacio de Loyola da Companhia de Jesus

Vamos ao que interessa... Há alguns anos, o Bispo da nossa recém-criada Diocese de Segorbe-Castellón (Espanha), Monsenhor José María Cases Deordal – verdadeiro homem de Deus, Bom Pastor e Bispo apaixonado pela oração e pelo seu novo "Sedis Episcopus Segobricensis-Castellonensis" a que foi destinado - após a nomeação do anterior proprietário, Dr.D. José Pont y Gol, para a Arquidiocese Primaz de Tarragona, convidou-nos a experimentar "uma outra forma de passar o verão" que consistia em percorrer o mês de agosto por nossa própria alma. E assim – com a permissão de minha esposa e filhos, fui a Pedreña (Cantabria) para viver uma série de Exercícios Espirituais de Santo Inácio para aprofundar minha fé, esperança e caridade; numa viagem pelas páginas da Bíblia em que a alma de todos, os entusiastas participantes, veio respirar a plenos pulmões.

O milagre do silêncio, a paz do lugar, a boa música litúrgica, a solidão, a alegria robusta do grupo de leigos e religiosos chamados a passar um mês do verão espanhol de agosto na Casa de Exercícios Espirituais da pequena Cantabria cidade: Pedreña, cidade natal do nosso amigo

golfista já falecido, Severiano Ballesteros, ajudou este bom grupo de peregrinos, caminhantes ou romeros peregrinos: Chame-os como quiser!, para escalar em frente à baía de Santander e com corações entusiasmados os caminhos de suas vidas ; numa preciosa simbiose de oração, meditação e visão com amplos horizontes e praias de maré alta ou baixa; ou seja, algumas praias de marisco e ecologia espiritual que todos os anos abrem as suas portas a todos os viajantes de alma que vêm a este lugar de sonho.

- Certamente, os Exercícios Espirituais de Iñigo López de Loyola, de San Ignacio, têm um vínculo lógico que, partindo da verdade fundamental que ele chama de "Princípio e Fundamento", atinge o ápice da perfeição humana e divina com a "Contemplação para alcance o Amor"; apresentando, por um lado, o verdadeiro caminho que conduz à perfeição do homem "criado à imagem e semelhança de Deus" que não poderá encontrar a paz e o sossego "até que descanse em Deus", e por outro, o único meio para alcançar a convivência em paz entre os homens que só pode ser alcançada quando é o AMOR - um lampejo do amor divino, aquele que verdadeiramente regula as relações entre os homens.

Santo Inácio, no referido "livrinho" escrito sobre os seus Exercícios Espirituais, apresenta-nos Cristo como o único caminho, a única verdade e a vida autêntica, tanto para dar o seu sentido profundo à vida do homem no mundo, como para alcançar a felicidade duradoura na Casa do Pai...

>>Prólogo do Cardeal Tarancón, ao livro:

"Experiência de Deus em um homem de hoje".

Expostos os extremos, quero agora finalmente voltar ao elo lógico, anteriormente, exposto pelo meu bom amigo e distinto e famoso burriano falecido, Sua Emcia. Rvdma. Cardeal, Dom Vicente Enrique y Tarancón, no prólogo do meu livro: "Experiência de Deus em um homem de hoje", que pode parecer ex-

clusivamente racional, mas que está impregnado de uma afetividade e até de um sopro do céu que convence e comove; ela estimula e até arrasta quem sabe assumi-la aos altos cumes da perfeição humana e divina a que o coração de cada homem vem a aspirar ardentemente.

Atreveria-me a dizer que as vidas do cavalheiro guipuzkoano, Iñigo López de Loyola, e do navarro, Francisco de Jassu (Javier), podem ser muito úteis -hoje, para o cristão da rua; isto é, para o "cristão comum" que deve viver a sua fé de forma coerente na vida quotidiana e no meio das angústias do homem de hoje que procura uma verdade à qual se agarrar para não ser arrastado por esta corrente de violência, por vezes absurda, num mundo moderno, indiferente, injusto e pouco solidário.

Vamos, os Exercícios Espirituais de Santo Inácio são um convite a olhar para dentro num tempo –nosso- de tanto perigo, porque muitos peregrinos caminham e viajam sempre inclinados para fora.

PONTO FINAL

- Obrigado senhor de Gipuzkoa, Iñigo López de Loyola, por seu chamado a pensar, a viver face a face com o Invisível, que está dentro de todos nós!

Por isso - hoje, 31 de julho, festa de Santo Inácio de Loyola, quero recordar sua figura e obra, já que tanto você, meu amigo Iñigo López de Loyola, como Francisco Javier, co-fundadores da Companhia de Jesus, nunca recuou por causa do difícil ou arriscado que foi ou foi a emocionante companhia de Evangelização de outros povos além das nossas fronteiras; Assim como, apesar das dificuldades atuais, têm feito muitos missionários evangelizadores aqui ou além de nossas fronteiras e, claro, nosso atual Papa Francisco, seu irmão e o primeiro jesuíta elevado à Cátedra de São Pedro.

□ FELIZ DIA DE SAN IGNACIO DE LOYOLA AMIGOS!!

Desde CASTELLÓN / ESPANHA
Saudações, irmãos moçambicanos

“Moçambique as crianças não tem o mesmo horário escolar mesmo na capital”



Argentina Feleciano Macave

Agradecer antes de mais a todos e a todas, moçambicanos pela escolha acertada que fizeram desta vez, dizer que não me sinto lisonjeada como talvez devia se sentir não, sinto-me convocada ao compromisso pelo povo moçambicano através deste voto. Sinto-me também orgulhosa pela demonstração de consciência por parte do meus compatriotas, meus concidadãos em avançar comigo no plano de revitalizar Moçambique.

É isso que junto de vós pretendo fazer, devolver as fábricas que o país teve até em tempos mais difíceis, aumentar muito mais fábricas. Evitar importar alguns alimentos que as nossas terras podem muito bem produzir e passarmos nós a importar para os países da região e outros mais, pro-

duto da nossa origem.

Mas, acima de tudo teremos que priorizar a educação, não podemos agir como se estivéssemos numa ilha. Todos os países que algum dia conheceram o verdadeiro desenvolvimento, investiram na educação e é isso que temos de fazer também, procuraremos apoios em todo mundo para qualificar, potenciar o nosso ensino que na verdade não consegue obedecer à um sistema efectivo, em Moçambique as crianças não tem o mesmo horário escolar mesmo na capital, lamentável, é um sinal muito óbvio do nível de desgraça a que a educação está submetida. Temos que aumentar o número de universidades públicas e criar mais condições de acesso, não se pode elitizar a educação.



Quinta-Feira, 03 de Agosto de 2023

Tabela Cambial

	Compra	Venda
USD	63.25	64.51
ZAR	3.45	3.51
EUR	69.56	70.95

Dêem aos médicos o que exigem!

Sempre custa a maçaroca jogar uns grãos para quem quer que seja, ainda que se trate do povo, o respectivo dono da terra onde esta é cultivada, realce-se, cultivada por esta mesma força faminta, vítima de um TSUnami da autoria de Nyusi, Maleiane, este não podia faltar, mesmo granjeando a simpatia das massas populares, Adriano Maleiane esteve de alguma maneira sempre presente nas falcatruas do governo frelimista, Tonela, esse que alimentou bastante a ideia de que se tratava de um tsunami de bonanças, da mudança para melhoria dos moçambicanos a ponto de simular uma transacção engraçada que resultou em gargalhadas populares jamais vistas nos meandros profissionais do Estado moçambicano.

Mamparas! Assim comentaram entre eles vendo um povo tão alegre por receber um pouquinho mais daquilo que sempre que lhes foi devido. Para quê tudo isso - Imediatamente questionaram-se entre eles referindo-se ao “nada”

acrescido no salário do povo e que o deixava tão entusiasmado. Acabou a brincadeira, retire o reбуçado dos parvos! - A ordem então de sua excelência camarada chefe máximo.

Claramente chefe, essa foi das manobras mais certa que tivemos para elevar ainda mais os nossos e dos órfãos de Dlhakama e Simango na assembleia da República. Claro que sabemos que este povo não merece a mínima dignidade, não passou de brincadeira.

Depois dessa, a classe dos médicos recusa-se a passar por marginal e exige o merecido, pois tal como tantos outros, pôde perceber que o país está em condições de os garantir o mínimo e isso é um direito, portanto, o governo deve aos médicos e não só, a todos outros grupos. Essa tabela falaciosa deve abranger à todos e não redefinir a classe de assimilados em detrimento dos demais como vem acontecendo, esse banco mundial anda muito sem escrúpulos no seu modelo de actuação, aliás, importa neste caso recorrer ao

camarada nacionalista chefe Armando Guebuza, e pedi-lo que alerte o seu sucessor a vergonha que nos faz passar em cumprir agendas externas. Já não estamos a perceber senhor FRELIMO, porque vocês apontam ao Nuvunga mas parece que vocês é que são os verdadeiros cumpridores da agenda externa.

Mamparas! Agora gritamos nós, pese embora estejamos a chorar, estamos sempre dando-vos uma assessoria gratuita. É muita estupidez dançar mortes com os médicos quando a pontaria para as contas policiais e militares também está a falhar, muita estultice querer ver os professores que recebem os seus ordenados extras a quase um ano unirem-se aos médicos para também reivindicar, é muita burrice num ano eleitoral destes confiar só fraude para manter e ou recuperar algumas autarquias. Ainda mereçam apenas ódio popular, sugerimos: dêem aos médicos o que exigem antes que os demais também exijam e isso vá mesmo ao abismo.

FICHA TÉCNICA

Director Editorial: Douglas Madjila

Administração: Hélio Pinto ; Contactos: 841385148 / 87 3017860

Redacção: Benta Edith, Orlando Júnior, Jéssica Monteiro Redacção : 87 5308210/ 82 3308210

Numero de Registro de Entidade Legais: DISP.67/GABINFO-DEPC/210/2022

Endereço: Av. Amílcar Cabral, 1542 1º andar ; Cidade de Maputo Email: luzdopensamentomz@gmail.com



DO PENSAMENTO



A velha lenda das duas raças privilegiadas e a terceira desgraçada

Por: Aرسال José Minrage

Numa sentada conversiva e de aconselhamentos vindos do meu pai, tive o privilégio de ouvir uma bela e cativante história das três raças, ou seja, uma história que narra a origem dos privilégios e da desgraça vivida por uma das raças a que me identifico (negra). Na narração desta história, o meu pai iniciou da seguinte forma “O sofrimento do homem negro é reflexo da velha lenda das escolhas feitas pelos três representantes dos povos das famosas três raças, a branca, mestiça e negra”.

Dizia isto fundamentando da seguinte maneira: “Aquando da criação do homem, Deus convocou os representantes das três raças, a branca, mestiça e negra, para que cada um destes pudesse escolher um instrumento que lhe seria útil na dominação do mundo, ou seja, para que estes homens vivessem de forma condigna no mundo era necessário que escolhessem sabiamente um instrumento que lhes daria o poder de sobrevivência, sendo estes instrumentos “um livro, uma enxada e um objecto de comercialização”. No entanto, chegado o dia e a hora em que estes três representantes devessem ir fazer a sua escolha, o homem negro atrasou-se, sendo assim, o representante branco escolheu o livro, o homem mestiço escolheu o objecto de comercialização e por fim, sobrando somente a enxada e sabido que o homem negro havia-se atrasado, o que lhe restava era somente levar a enxada.

Um facto que merecia ser cautelosamente observado era que estes três objectos ditariam o modo de vida de cada povo. Entretanto, o mestiço com o seu objecto de comercialização tinha de passar a vida viajando para comercializar os seus produtos, e nessa sua rotina passou a conhecer vários outros pontos do mundo pois, era necessário que este se deslocasse de ponto em ponto para vender e sobreviver.

O negro com a sua enxada tinha de viver no campo, abrindo machambas e produzindo seus alimentos para o auto-sustento, passando este simplesmente a dedicar-se na produção alimentar de subsistência e assim, ficando isolado do mundo e sem nenhum conhecimento do que as outras regiões podiam oferecer.

E por fim, o branco com o poder do livro que outrora havia escolhido, e tendo o conhecimento como a luz, teve a capacidade de conhecer outros mecanismos de sobrevivência, pois, com o livro, ele descobriu que além de viajar pelo mundo todo, podia fazer um marketing digital e passar a vender produtos por via de plataformas digitais, e desse modo, a partir das tecnologias avançadas que este terá inventado, deu-lhe a capacidade de controlar a produção alimentar, sem que este usasse a enxada de cabo-curto, pois, além da enxada que pouco produzia podia usar tractores e vários outros meios que lhe ajudariam na produtividade pois, não este

descobriu também que não precisava esperar o tempo chuvoso para a produção de alimentos pois, podia usar o sistema de regadio e assim produzir sem nenhum problema, e dessa forma com a grande produtividade de alimentos passaria a comercializar estes produtos aos mestiços e aos negros.

Todavia, a mensagem que pôde colher a partir desta história, é que, a desgraça do homem negro é realmente reflexo da sua capacidade diminuta de pensar, pois, primeiramente, este tem um espírito de atrasar, o negro nunca cumpre com a hora combinada, tem a tendência de sempre chegar tarde à semelhança do dia da escolha dos três objectos que a lenda nos conta; de seguida, o negro pouco investe para obter o conhecimento, pois prefere chamar estrangeiros para realizar actividades mesquinhas que seria ele a realizar, sendo que podia investir numa Educação de qualidade, e através dos seus jovens podiam ser formados e ensinados como trabalhar a sua terra e como operar a tecnologia adquirida para assim desenvolver os seus países; e por fim, os governantes negros são tão gananciosos que só pensam no seu bem-estar, porque além de priorizar o modo de vida do seu povo, preferem acumular tanta riqueza em sua posse e deixar os seus concidadãos na pobreza e vivendo mal, passando eles a viver suas vidas luxuosas e de ostentações.



ethale
Publishing



Por: Deisy Monjana

Competência versus Local de Formação

A guerra pelo talento no mercado actual de trabalho traz consequências notáveis na forma como este mesmo talento é classificado e adquirido trazendo ao de cima a importancia da desmitificação de aspectos como a atribuição automática de competências pelo local de formação.

Por desmitificação da competência por local de formação refere-se ao processo de reconhecimento de que a capacidade de um indivíduo para desempenhar determinadas funções ou tarefas não está necessariamente atrelada ao local de formação educacional.

Actualmente, muitas empresas acreditam que a qualidade de uma formação é diretamente proporcional à reputação da instituição de ensino ou ao prestígio do local de trabalho, portanto, isto passa por considerar os vários factores que moldam a competência como experiências de vida, exposição a diferentes desafios e oportunidades de aprendizado.

O aprendizado contínuo não se limita apenas ao período em que o indivíduo passa na escola ou universidade, mas também pela exposição a outras formas de aquisição de conhecimento que permitem que o indivíduo adquira competências valiosas em diferentes momentos e contextos. Novas abordagens educacionais como cursos online, tutoriais, webinars e recursos educacionais abertos ampliaram o acesso ao co-

nhecimento e permitem que pessoas de diversas origens adquiram habilidades de maneira eficiente.

Por isso é importante desmitificar a ideia de que apenas as instituições de ensino altamente renomadas podem produzir profissionais competentes mudando o paradigma de recrutamento para a valorização das competências, habilidades e experiências específicas de cada candidato, em vez de focar apenas no local de formação académica.

A competência é uma combinação complexa de habilidades, conhecimentos, experiências e características individuais, e pode ser desenvolvida e aprimorada em diversas situações, independentemente do local de formação. As empresas devem adotar uma abordagem mais holística ao recrutar talentos e considerar uma variedade de factores ao avaliar a capacidade de um indivíduo para uma determinada posição.

Esta mudança de paradigma pode trazer a inclusão e diversidade valorizando a competência adequadamente testada não com base no local de formação que pode perpetuar desigualdades e marginalizar indivíduos que não tiveram acesso a instituições de renome mas promovendo a valorização da riqueza de experiências e perspectivas que cada indivíduo traz.

Desmitificar a competência em função do local de formação em Moçambique

é crucial para promover igualdade de oportunidades e reconhecer o potencial dos indivíduos independentemente de onde eles tenham estudado.

Em Moçambique existe uma variedade de instituições educacionais, incluindo universidades, institutos técnicos e profissionais em diferentes regiões do país, portanto, a qualidade da formação não pode ser generalizada para todas as instituições com base em sua localização.

A qualidade da educação não está ligada exclusivamente ao local de formação, mas sim em aspectos mais informais de aquisição de competências e habilidades, que não envolvem formações mais estruturadas baseadas na experiência prática, no autodidatismo e no aprendizado por meio da interação com outras pessoas.

A aquisição de competências de forma informal pode ser altamente eficaz tanto quanto a formal, pois oferece a flexibilidade de aprender no próprio ritmo e de acordo com os interesses individuais. No entanto, é importante equilibrar a aprendizagem informal com a formal, pois as certificações e diplomas ainda são frequentemente requisitos em muitos campos de actuação. A combinação de ambas as formas de aprendizado pode enriquecer as habilidades e conhecimentos e aumentar suas oportunidades no mercado de trabalho.

	Assinaturas		
	Trimestral	Semestral	Anual
Nacional/Função pública	1000 Mts	1700 Mts	2900 Mts
Embaixadas e fora do País	50 USD	100 USD	150USD



Jornalismo em Crise: A Ética Como Esperança na Mídia

Por: Nélia M. F. Zevute Macaringue

Desde os primórdios da história humana, a comunicação tem sido essencial para a troca de mensagens entre indivíduos.

Nesta reflexão salienta-se a importância de que se reveste a Ética na comunicação social, num mundo cada vez mais competitivo e com valores morais flutuantes, em que, a dado passo, na busca desenfreada pelos benefícios económicos, privilégios políticos e outros típicos de uma sociedade consumista, atropelam-se os valores morais, os princípios éticos e deontológicos especificamente nos meios de comunicação social.

Na perspectiva de Silva e Vilaça (2008), “se o século XX foi a Era da invenção e da produção em massa, o século XXI, para os analistas contemporâneos, será a Era do conhecimento”. Nesta nova Era, a educação, o conhecimento e a informação têm, então um papel central. Alguns autores como Castells e Niskier denominam a sociedade que está surgindo de “sociedade do conhecimento”, “sociedade da informação” ou “sociedade da aprendizagem”.

Portanto, a Ética no Jornalismo é essencial, pois o que é bom para o jornalista também é bom para o cidadão (Abramo, 1988, cit. Vieira, 2017). Valores éticos são ensinados e aprendidos para a manutenção da organização social (Chauí, 2003, cit. Vieira, 2017). Reflectir sobre a Ética jornalística implica entender a Ética como um código de conduta que estabelece os valores de uma sociedade.

Para embasar nossa reflexão, optamos por um estudo qualitativo, utilizando pesquisa bibliográfica para discutir a Ética e os meios de comunicação social. Os meios de comunicação têm papel crucial na partilha de informações e ideias entre diferentes indivíduos. Eles têm a responsabilidade de educar e entreter, mas também de pres-

crever comportamentos e atitudes aceitáveis na sociedade (Santos, 2019).

O Jornalismo tem um papel fundamental na sociedade como um porta-voz do povo e os jornalistas são responsáveis por pesquisar, seleccionar, elaborar e apresentar informações ao público, e sua actividade constitui uma profissão de grande importância e responsabilidade. A Ética jornalística exige veracidade, respeito à vida privada das pessoas, não revelar fontes, obter informações confirmadas por fontes seguras, entre outros princípios (Antunes, 2010).

Com a chegada da internet e das mídias digitais, a interacção com o público aumentou significativamente, tornando a responsabilidade Ética do jornalista ainda mais crucial. A sociedade em rede, como apontado por Castells (2003, cit. Kunsch, 2007), tornou a internet o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui a base material de nossas vidas e formas de comunicação.

A Ética na comunicação social tornou-se ainda mais relevante nesta era digital, onde informações são compartilhadas rapidamente. Os jornalistas devem primar pela veracidade, autenticidade e responsabilidade na divulgação das notícias, mesmo diante das adversidades que enfrentam na profissão.

Uma comunicação comprometida com a Ética é fundamental para a humanização das empresas jornalísticas e para a construção de uma sociedade mais digna e informada. A Ética jornalística é a base para garantir a responsabilidade dos meios de comunicação perante a sociedade, especialmente em um mundo marcado pela ganância e pela competitividade.

Portanto, é fundamental que os jornalistas cultivem competências individuais e

grupais, mantenham o respeito à Ética e deontologia profissional, e que promovam uma reflexão ética constante sobre o impacto de suas actividades na sociedade. O compromisso com a dignidade humana e a responsabilidade social dos media devem nortear o exercício do Jornalismo e da comunicação social, em geral.

A Ética é um pilar essencial para a comunicação social, especialmente para o jornalista os quais têm o papel de informar, educar e entreter o público de forma ética, responsável e veraz. A busca incessante pela verdade e pela qualidade formativa nas informações veiculadas é essencial para a construção de uma sociedade mais informada, consciente e humanizada. A Ética deve ser o guia que conduz a prática jornalística em meio a um mundo em constante transformação e competitividade.

É cada vez mais exigente pautar por uma comunicação social que se oriente pelo humanismo, de modo a elevar cada vez mais os níveis de competitividade, no exercício de posicionamento e reconhecimento pelos públicos de interesse cada vez mais exigentes.

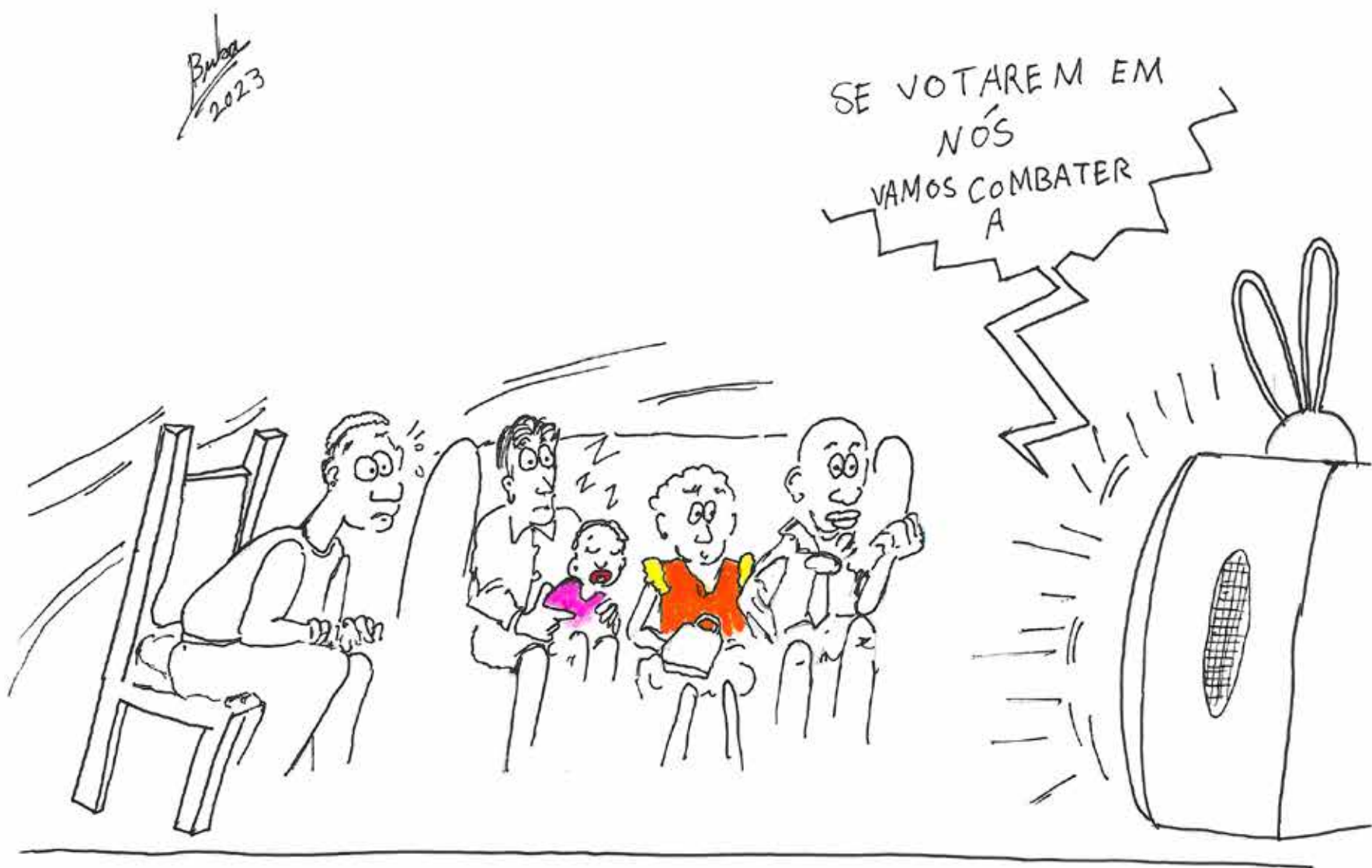
Reconhecido esse desafio neste estudo, e da discussão feita, reforça-se a tese de que um jornalismo alheio à Ética, à moral e à deontologia não se ajusta à sociedade consumista em que nos encontramos, pois, sendo, a Ética, a ciência dos hábitos e costumes, é através do Jornalismo e da comunicação, especificamente, que o homem transmite diferentes informações usando diferentes meios de comunicação social. É neste exercício que se ressalta o papel da Ética na profissão sócio-profissional jornalista, bem como a necessidade de sua avaliação em prol de uma sociedade cada vez melhor e para o bem-estar social no presente e no futuro.

Assinaturas

	Assinaturas		
	Trimestral	Semestral	Anual
Nacional/Função pública	1000 Mts	1700 Mts	2900 Mts
Embaixadas e fora do País	50 USD	100 USD	150USD

EDIÇÃO ESPECIAL DE RÓTULOS “SALVEM-NOS”





Acordo Geral de Paz – Roma 1992

Seguimos com a publicação deste documento histórico que foi e é um instrumento muito importante da nossa recente democracia.

DECLARAÇÃO CONJUNTA

Nós, Joaquim Chissano, Presidente da República de Moçambique e Afonso Macacho Marceta Dhlakama, Presidente da RENAMO, tendo-nos encontrado em Roma, na presença de S. E. Gabriel Mugabe, Presidente da República do Zimbabwe; S. E. Emílio Colombo, Ministro dos Negócios Estrangeiros da República da Itália; a representante de S. E. o Presidente da República de Botswana, Dr. Gaostwie Keagakwa Tibe Chiepe. Ministro dos Negócios Estrangeiros, os Mediadores do processo de paz, On. Mário Raffaelli, representante do Governo italiano e Coordenador dos Medidores D. Jaime Gonçalves, Arcebispo da Beira, prof. Andrea Riccardi e D. Matteo Zuppi, da Comunidade da S. Egídio, e;

Reconhecendo que o alcance da Paz, da Democracia, e da Unidade Nacional baseada na Reconciliação Nacional é o maior anseio e desejo de todo o povo moçambicano;

Na prossecução desse objectivo, o processo de paz foi iniciado em Roma entre o Governo da República de Moçambique e a Renamo, assistidos pelos Medidores, do Governo italiano, da Comunidade de S. Egídio e da Igreja Católica de Moçambique;

Importantes resultados foram conseguidos até agora, conforme exemplificado e demonstrado pela assinatura do acordo de Cessar Fogo Parcial de 1 de Dezembro de 1990 e a adopção dos seguintes Protocolos e acordos:

I. Agenda acordada no dia 28 de Maio de 1991 e as emendas nela introduzidas pela Acta acordada do dia 19 de Junho de 1992;

II. Protocolo nº1 dos “Princípios Fundamentais”, assinado os 18 de Outubro de 1991;

III. Protocolo nº2 “Critérios e Modalidades para a formação e Reconhecimento dos Partidos Políticos”, assinado aos 13 de Novembro de 1991;

IV. Protocolo nº3 sobre os “Princípios da Lei Eleitoral”, assinado aos 12 de Março de 1992;

V. Acta acordada de 2 de Julho de 1992, para melhor o funcionamento da COMIVE;

VI. Declaração sobre os Princípios Orientadores da Ajuda Democracia Unidade Nacional baseada na Reconciliação em Moçambique, teve lugar um encontro em Gaborone, Botswana, os 4 de Julho de 1992, entre S. E. Robert Mugabe, Presidente da República do Zimbabwe, e S. E. Sir Ketumile Masire, Presidente da República do Botswana, dum lado, e o Senhor Afonso Macacho Marceta Dhlakama, Presidente da RENAMO, doutro lado;

A seguir ao qual o Presidente da República de Moçambique, Joaquim Alberto Chissano, foi

detalhadamente informado pelo Presidente do Zimbabwe aos 19 de Julho de 1992;

Considerando que o Senhor Afonso Macacho Marceta Dhlakama declarou a sua disponibilidade em assinar um cessar fogo imediato caso fossem providenciadas certas garantias e segurança no que se refere tanto à sua segurança pessoal, como a dos seus membros, e a liberdade do seu partido de se organizar e fazer campanha sem interferências ou impedimentos;

Considerando o seu pedido de garantias para permitir à RENAMO operar livremente como partido político depois da assinatura do Acordo Geral de Paz;

Convencidos de que o sofrimento do povo moçambicano, resultante da guerra e agravado pelas consequências da pior seca de que há memória, exige a tomada de rápidas medidas para acabar com a guerra;

Reconhecendo a necessidade do estabelecimento imediato da Paz em Moçambique;

Refirmando o compromisso do Governo da República de Moçambique e da RENAMO em acabar com as hostilidades em Moçambique;

Determinados a fazer tudo aquilo que estiver em nosso poder para acabar a catástrofe resultante das consequências combinadas da guerra e da seca no nosso país;

Apreciando o progresso alcançado nas negociações de paz de Roma entre as nossas respectivas delegações;

Considerando o espírito do encontro de Gaborone de 4 de Julho de 1992;

Nestes termos, comprometemo-nos no seguinte:

I. Garantir as condições que permitem completa liberdade política, de acordo com os princípios de democracia internacionalmente reconhecidos;

II. Garantir as condições pessoais de todos os cidadãos moçambicanos e a todos os membros de partidos políticos;

III. Aceitar o papel da comunidade internacional, e particularmente das Nações Unidas, na fiscalização e garantia da implementação do Acordo Geral de Paz, em particular do cessar fogo e do processo eleitoral;

IV. Respeitar plenamente os Princípios contidos no Protocolo, leis vigentes que eventualmente contrariem os mesmos Protocolos “e ainda que” a RENAMO compromete-se a não combater pela força das armas, mas a conduzir a sua luta política na observância das leis

em vigor, no âmbito das instituições do Estado existentes no respeito das condições e garantias estabelecidas no Acordo Geral de Paz;

V. Salvaguardar os direitos políticos, clarificando que os princípios contidos no Protocolo nº1 são válidos e também relacionados o problema das garantias constitucionais, levantado pela RENAMO, e ilustrado no documento apresentado ao Presidente Mugabe. Com este fim o Governo da República de Moçambique submeterá à Assembleia da República a adopção dos instrumentos legais incorporando os Protocolos e as garantias, assim como o Acordo Geral de Paz, na Lei moçambicana;

VI. Na base dos princípios acima enunciados e do nosso compromisso, como referido nesta Declaração solene, nós, Joaquim Alberto Chissano e Afonso Macacho Marceta Dhlakama, Presidente da RENAMO, mandatámos e demos instruções às nossas respectivas delegações participantes no processo de Paz em Roma para concluírem, até ao dia 1 de Outubro de 1992, os restantes Protocolos previstos na Agenda Acordada, permitindo assim a assinatura do Acordo Geral de Paz.

A assinatura do Acordo Geral de Paz e respectiva adopção pela Assembleia da República, nos termos do previsto parágrafo “V” da presente Declaração. Determinarão a imediata entrada em vigor do cessar fogo acordado no âmbito do Acordo Geral de Paz.

Joaquim Alberto Chissano

Presidente da República de Moçambique

Afonso Macacho Marceta Dhlakama

Presidente da RENAMO

Robert Gabriel Mugabe

Presidente da República do Zimbabwe;

Testemunhado por:

Dra. Gaostwie Keagakwa Tibe Chiepe

Ministra dos Negócios Estrangeiros do Botswana e

Pelos Mediadores:

On. Mário Raffaelli

D. Jaime Gonçalves

prof. Andrea Riccardi

D. Matteo Zuppi

Roma, aos 7 de agosto de 1992